

O ATO E A LEI¹

Marcus André Vieira



Conferência pronunciada na Primeira Vara da Família e Adolescência do Rio de Janeiro a convite da equipe do juiz Siro Darlan.

Palavras-Chave: ato, ação, lei, norma.

Introdução

Agradeço por essa oportunidade de colocar do modo mais simples o que me parece contribuir para o assunto a partir de minha experiência como psicanalista.

Questões de sociedade são muito freqüentemente tratadas por psicanalistas. A psicanálise realmente parece ter algo a dizer sobre diversos problemas: aborto, casamento, adolescência, mas também sobre a esquerda brasileira, o capitalismo, (mais). Acredito que somos tentados a partir deste ponto, ainda mais aqui no âmbito do direito.

Pois parece interessante e de imediata aplicação as idéias que a psicanálise pode forjar, o famoso Freud explica: porque a figura do pai declina em nossos dias, porque a autoridade mudou, porque o adolescente é tão difícil, porque o velho é tão louco, porque a mulher é tão complicada, etc...

Acontece que a psicanálise só consegue produzir estas explicações porque ela trata, e tratando descobre coisas ocultas ao senso comum. Fora do consultório estas são extrapolações sem muito sentido e sem muita legitimidade a não ser a autoridade de quem as enuncia, fato que é claramente percebido por muitos a começar pelos humoristas.

Por exemplo, dizer que um garotinho quer ter relações sexuais com a mãe e matar seu pai é um abuso que nunca ocorreu a Freud. Dizer que ele deseja sua mãe, quer ficar com ela e que compete, quer afastar seu pai, já seria melhor, mas mesmo assim estamos fazendo uso de uma imagem que não se dá exatamente assim. Na verdade o que vemos é que muitos, senão todos, em análise, acabam se confrontando com estes sentimentos que entretanto assumem formas as mais variadas. Mãe pode ser para um uma tia, empregada, ou até mesmo o pai, e pai pode ser um cantor famoso, uma foto amarelada, o sentimento de desejo pode também Ter todos os matizes, pode ser claramente sexual, pode ser angelical, etc. Por isso Freud recorre a uma peça de sofocles (Édipo), já presente na cultura e portanto acessível (bom era acessível para ele) a todos. Para que tenhamos um lugar comum compartilhado para tracar informações sobre isto que se manifesta tão singularmente mas que tem uma estrutura tão universal.

¹ Conferência pronunciada em 2001 na Primeira Vara da Família e Adolescência do Rio de Janeiro a convite da equipe do juiz Siro Darlan..

Vemos então que a partir desta noção tão simples, muitas coisas ficam mais claras, a relação do sujeito com a autoridade e com a religião por exemplo, mas estas extrapolações da psicanálise para a cultura, apesar de legítimas - e Freud foi o primeiro a fazer isto - não podem perder o horizonte de onde foram enunciadas sem cair no vazio para não dizer no ridículo. Todos os textos de psicanálise aplicada de Freud eram antes de tudo textos clínicos, onde ele tentava usando a cultura trazer luz a alguma dificuldade específica do tratamento e vice-versa, algo que aparecia no tratamento iluminava algo da cultura.

Desta forma, não podemos perder de vista que o que pode-se dizer dos sonhos por exemplo a partir da psicanálise foi uma descoberta constituída sobre um dispositivo novo: faz-se alguém falar sem que ele tenha necessariamente que fazer sentido e sem que a resposta que lhe vem do outro seja condição para que ele continue a falar. Isto parece pouco mas é uma revolução. Citem-me algum outro lugar onde isto aconteça? (quem pensou no padre errou, a absolvição é fundamental e ela sela a fala do pecador, quem pensou no testemunho do protestante errou também pq ele tem um fim dado pela cerimônia que endossa a conversão). Portanto, quando alguém associa livremente, coisas diferentes se revelam e algumas coisas se repetem: A partir daí pode-se tentar generalizar algo para a cultura (por exemplo,..)

A primeira coisa que acontece é que o sujeito que fala não consegue dizer tudo, não se satisfaz, falta algo. Então ele vê que sua fala é determinada e vê também que nesta fala, a mesma coisa que o determina faz com que ele diga algo estranho, diferente do que ele queria dizer mas que parece dizer algo mesmo assim. E daí por diante, este inconsciente sempre é meio sexual, e ele sempre leva o sujeito a falar de seus pais, etc. Temos então a hipótese do inconsciente e como vemos, ela não é a descoberta de uma lei, mas o nome dado a algo que acontece sempre que alguém fizer esta experiência. Inconsciente aqui é quase uma ferramenta para poder trabalhar neste espaço/dimensão diferente aberto pelo dispositivo. Em outras palavras, é a maneira de conseguir ficar neste lugar sem sair dando sentido a esta fala que pede sentido (alguém já disse que a melhor definição de analista é justamente esta: alguém que consegue fazer um sujeito vir lhe ver regularmente para falar, não dizer nada e ainda ser pago por isso). A idéia do inconsciente é o que permite que o analista espere até que nesta bagunça que é a associação livre apareça alguma coisa e que nesta alguma coisa não veja o orixá se expressando. É o que lhe permite falar, pois quando digo que ele não diz nada não quero dizer que ele fique calado, mas que ele consegue falar sem doar sentido, sem tapar isto que falta para o analisante com conselhos e dicas de auto-ajuda.

Para o sujeito que experimenta esta determinação inconsciente pode ser que a idéia que seus pais, ou por exemplo, seu pai, seja o responsável por tudo e que ele está até hoje querendo agradá-lo mesmo ele tendo sido um péssimo pai, morto há vinte anos, pode ser uma revelação. Para este mesmo analisante, perceber que a culpa que sente não por algo que tenha feito a este pai, mas sim porque desde a morte do pai teve a impressão que ele era de alguma forma culpado, pode ser totalmente revolucionário. A mesma idéia Freud extrapolou para a religião, pensando que esta culpa estaria na base do dia a dia do religioso, quanto menos pecador, mais culpado. Se desconectamos totalmente uma coisa da outra ficamos com uma teoria sobre a religião que parece um delírio.

Método

Espero ter dado então uma amostra da minha dificuldade em falar de adolescência e drogas como uma preleção teórica das respostas que a psicanálise teria.

Mas há ainda uma segunda dificuldade: é que a adolescência não existe para a psicanálise. Existe de maneira frágil. Sim porque se falamos que a idéia é constituir um lugar onde o único sentido dado é

do sujeito, não se aplicam leis universais, muito menos fases pré fixadas. Vai valer e determinar aí algo muito pessoal, singular. É preciso que tenhamos instrumentos que não peguem a riqueza infinita de uma vida e a dívida em antes e depois da puberdade, etc. Sabemos como tudo isto é relativo. A psicanálise vai tentar trabalhar justamente no horizonte não do que ocorreu na sua vida que não deveria ter acontecido (porque não era a fase certa, etc) mas sim com o que marcou e te fez ser isso daí, único mas sofrido. (peço-lhes que ponham de lado então todos os chavões que já têm da psicanálise pois sei que o que digo vai de encontro a eles, fixação em um estágio da libido como causa do sofrimento atual, etc).

Ora a idéia da adolescência como uma fase pré-fixada vai atrapalhar mais que ajudar pois seremos levados a perguntar, mas é um adolescente ou um adulto, questão difícil que só pode ser respondida de fora p dentro (como dizer se este sujeito aí já está independente dos pais, que independência é esta? é só olhar de perto para ela se desvanecer se ele se considera adulto pela sociedade? etc). Ainda assim, uma vez decidida a questão termos que exigir do adulto que ele se comporte como tal e do adolescente que já devia ser adulto que ele cresça, etc. Só caminhos de fora p dentro que às vezes resolvem às vezes não, mas que são os caminhos que todos já tentaram até a chegada do psicanalista, porque são os caminhos do senso comum.

É preciso algum tipo de baliza, de definição da adolescência, do que é específico dela, mas como vemos elas podem também atrapalhar. Posso deixar de lado este tipo de discussão porque ela já foi levada a vocês de maneira bem mais competente que eu faria. A adolescência como despertar, já foi vista, assim Em vez de materializar para vocês o que seria a adolescência para a psicanálise. Nesta linha acho que não se pode fazer mais do que a Rosário mostrou para vocês e não conseguiria fazer tão bem como ela. (devido ao despertar explicado por Rosário, de certo modo ela dedicou-se aos porquês da adolescência vou dedicar-me ao como) Mesmo aí vocês vêm que o que podemos falar da adolescência não é tão específico assim. O encontro com o real é sinônimo de crise, que poderia a princípio acontecer a qualquer momento.

Do ato

Resolvi então fazer com vocês uma espécie de oficina selvagem de psicanálise.

Decidi então tentar materializar para vocês dois ou três instrumentos com os quais operamos, para todos, e depois veremos que tipo de descoberta eles nos permitem sobre a adolescência e as drogas e vocês me dirão se são interessantes ou não.

Selecionei estes instrumentos a partir de alguns dados da experiência comum sobre a adolescência:

- O adolescente é muito impulsivo
- O adolescente recusa a autoridade
- O adolescente vive em bandos
- O adolescente flerta com a morte
- O adolescente é prepotente

Vamos partir da idéia que ele é descontrolado, impulsivo, violento, agitado, ou como quiserem. Vamos então tentar entender o que é o ato para a psicanálise. O que é fazer alguma coisa neste espeço sui generis. O ato não implica necessariamente a ação, mudança de posição, movimento. Sim porque estamos em condições subjetivas onde não é a medida objetiva do deslocamento que define que houve mudança. Falaremos então em mudança e não em movimento. A psicanálise se funda

justamente na idéia que não é tanto o que realmente aconteceu mas sim como a coisa teve significação para alguém que conta (exemplos...)

Então o que é o ato? Júlio César e o Rubicão

Algumas consequências:

- Como posso ter parametros para castigar?, o que fazer com a lei, para ela o ato tem que ser objetivo (para o senso comum também afinal matar alguém tem que ser um ato) prometo explicar isso mais adiante
- Disjunção saber e fazer: não se sabe para fazer mas sabe-se e faz-se, se se souber demais não se faz nada:
- a angústia é o lugar onde não se sabe nada e a inibição o lugar onde sabe-se tudo (ex de começar um trabalho)
- o adolescente chegou até um ponto com o saber dos pais, agora a questão se coloca qual é o dele?
- então não adianta ensinar o bom caminho ao adolescente, não adianta também privá-lo de sabedoria, senão fica só com a angústia

O problema dele é justamente esta ausência de interligação: nós vivemos sempre na crença absoluta que o que sabemos/pensamos é o que somos, mas o adolescente está neste momento de crise. Neste momento de crise, não sei se o que penso/acho da vida é meu mesmo ou não, fico achando que são valores dos meus pais, dos outros, etc. Quero Ter os meus, mas quais são os meus? Daí a angústia e daí o ato.

Porque para que haja ato é preciso que se descole um pouco do que se deve fazer, senão só temos ações e não atos. Ao mesmo tempo é preciso que o ato tenha algumas coordenadas, senão ele vira só pura ação sem sentido. Então parece que estamos em um círculo

Alienação e Separação

Agora que temos esta idéia vamos associá-la a mais duas noções que já se introduziram para completarmos nossas ferramentas e sairmos deste círculo aparentemente vicioso.

A esta necessidade de estar ligado a um pensamento chamaremos de alienação. A esta angústia de estar isolado, abandonado, chamaremos separação.

Alienação e separação, são assim dois conceitos formalizados por Lacan a partir do que Freud observou na sua clínica (e que nomeou de outra forma, não utilizarei os termos freudianos porque nos confundiriam): que para que haja mudança é preciso que o sujeito rompa com os pensamentos que o fizeram, só que ele não pode inventar novos pensamentos e esta ruptura então será sempre relativa. Para que ela se dê entretanto é preciso estar separado da cadeia de pensamentos/falas/ditos que vou chamar daqui por diante de discurso.

Alienação aqui então deve e não deve ser entendida da mesma forma que o no sentido comum: alienado = embrutecido, abobado, etc.

Alienado aqui é integrado no pensamento, seja de uma classe, uma teoria, uma pessoa, etc.

Separado não é separado de uma categoria, etc, é separado de tudo. A separação total é impossível, só a morte.

Para entender melhor pensemos no suicídio, este ato tão presente para o adolescente:

- tentativa de suicídio por alienação: o adolescente se sente descolado e tenta se integrar novamente: “todos chorarão no meu velório”
- tentativa por separação: “tô cansado de tudo, deste jogo de amor e ódio que faz a vida humana” (isto nem se formula porque formular já é estar em algum discurso)

(Assim podemos distinguir acting-out de passagem ao ato)

O primeiro geralmente é bem menos preocupante: “para chamar a atenção”, pode levar a morte, mas geralmente é para que o outro o inclua. Pode também ser pela negativa: a menininha que anda com um marginal apenas para inquietar o pai. Ou a patricinha que vai virar grunge só para aparecer. Ser diferente aqui não significa ser separado no sentido que estamos dando porque implica na inclusão em outro discurso.

O segundo é bem mais preocupante porque se dá em um ponto de virada onde às vezes percebemos um movimento subjetivo para fora, (por isso as janelas são tão atraentes: há algo em todos os humanos que os impele para fora, senão seria a alienação total e a morte)

Depressão: estou triste porque o Outro não me quer e obrigo-o a me querer desta forma, ou estou desalienando-me o que implica em paralização (com ou sem crises de angústia) e morte.

Drogas

Podemos aplicar nossa chave de leitura às drogas: (advirto mais uma vez, teremos apenas respostas gerais e vagas, mas que como são muito novas, valem a pena serem expostas assim)

Posso propor então uma classificação simplista, apenas para que vocês entendam e possam usar a ferramenta:

Podemos, netão, seguindo proposta de J. A. Miller, distinguir as drogas de alienação das drogas de separação:

Alienação: cocaína

Separação: maconha.

Evidentemente, isso não significa que todo sujeito que utilizar maconha está se separando, no nível subjetivo quase tudo pode ocorrer com quase tudo. Pode ser o contrário: maconha serve para se alienar, se integrar, no tempo pode crer era assim, agora bem menos. Mas dou assim um perfil geral do que ocorre em torno da droga em nosso mundo (com o exemplo da maconha vemos como estamos aqui solidário de um perfil social de uso). A cocaína tem em torno dela toda uma inserção social, e não é a toa que ela lida com dinheiro. O usuário se adequa e trabalha bem, etc (aqui vemos como a alienação é ativa) A maconha é mais livre. O usuário se perde e se separa. O mesmo para a cola.

O crack seria um exemplo de inversão: a cocaína fica tão violenta e que vira separação.

Ato e Lei

Para terminar, o ato e a lei. Vocês percebem então que de certa forma desvalorizamos o acontecimento real. Então vocês poderia perguntar: mas e o ato criminoso?

A resposta é parcial, realmente parece que o ato se desvaloriza, o que teria um certo valor social negativo, mas é preciso que o ato tenha algumas coordenadas, senão ele vira só pura ação sem sentido. Pode ter sentido para os outros, mas não para o sujeito, isto explica porque o ato neste sentido ainda tem utilidade para a justiça, porque senão ela vai considerar algo que o sujeito não vai e vai puní-lo por algo que ele não pode apreender, daí não há mudança subjetiva a não ser transformar um delinquente em um criminoso.

Os menores de rua? Eles funcionam na mesma lógica? É como se eles nascessem já separados...

(...) falta a última parte da conferência assim como a discussão.